

JÚLIO CESAR BORGES

1. Por que escolheu a química?

Bom, primeiramente, eu não sou químico de formação, sou formado em farmácia pela UFMG, em 2000. Eu sempre tive grande interesse pela química, mas também pela biologia e encontrei no curso de farmácia, uma boa correlação entre essas duas áreas.

2. Qual foi a sua trajetória?

Durante o meu curso de graduação, eu fiz iniciação científica em um laboratório de biofísica no Instituto de Ciências Biológicas da UFMG, trabalhando com purificação e atividade de proteínas. Já no ano 2000, eu tive oportunidade de fazer um curso de verão no LNLS e, em seguida, fui convidado a fazer doutorado na área de bioquímica de proteínas. Fiz o meu doutorado na UNICAMP, no Instituto de Biologia da UNICAMP, curso de Biologia Funcional e Molecular, com a parte experimental sendo realizada no então Laboratório de Biofísica Molecular no Centro de Biologia Molecular e Estrutural (Laboratório Nacional de Biociências, do Centro Nacional de Pesquisa em Energia e Materiais). Depois fiz 2 anos de pós-doc na área de bioquímica de proteínas, mais voltado para a área de biologia estrutural. Em 2006, fiz o concurso no IQSC e fui um dos que passou, sendo efetivado em abril de 2007. Foi dessa forma que fui parar no IQSC. Antes de fazer o concurso, eu não tinha nenhum contato com o IQSC e nem conhecia São Carlos. Sabia que existia a unidade da USP em São Carlos, pois conhecia alguns colegas do Instituto de Física de São Carlos que trabalham com biologia estrutural e que foram meus contemporâneos de doutorado. Alguns docentes, alguns pesquisadores que estavam aqui e alguns colegas que conheciam São Carlos ou estudavam aqui, mas não tinha mais informações até então.

3. Qual sua contribuição para o IQSC ser o que é hoje?

Acredito que a minha principal contribuição é formar pessoas. Eu acho que a principal contribuição de qualquer docente, de qualquer professor, de qualquer unidade, é formar pessoas com conhecimento técnico e capacidade de análise crítica, não só de dados da área de conhecimento específica, mas também de contexto cultural e humanístico, principalmente considerando alunos de pós-graduação. Na graduação, é contribuir para formar pessoas com habilidades técnicas, de conhecimento na área de bioquímica, não só a correlação com a área da química. É mostrar como essas duas áreas se conectam, quais são os pontos de convergência, quais são os pontos de divergência. Tentando

sempre mostrar para os alunos que a biologia e a química são parte da mesma coisa, que é a vida. Não existe separação ou divergência. As diferenças somos nós que criamos para classificar e categorizar o conhecimento, de forma a facilitar a transmissão e a organização do conhecimento. Bons profissionais que o IQSC forma, que temos conhecimento e que ocupam posições de relevância em várias empresas, várias universidades, eles são capazes de entender as conexões, entender as relações e entender que isso tudo faz parte do mesmo mundo. Então, não é a química, não é a biologia, é a vida. E é nesse sentido que eu tento contribuir, mostrar o que é a biologia do ponto de vista químico, que é a bioquímica.

4. Qual a contribuição do IQSC na pessoa que você se tornou?

O IQSC contribuiu em vários momentos, não somente como instituição. Graças ao IQSC como instituição, eu tenho o respaldo para aprovar projetos de pesquisa, encaminhar as minhas linhas de pesquisa, poder captar recursos, buscar formar alunos, segundo os critérios que eu elenquei antes. Mas não é só o IQSC como instituição que contribuiu para a minha trajetória de 2007 para cá, tenho vários colegas, vários docentes, que merecem meu respeito por terem contribuído de forma determinante, em alguns momentos, para a minha trajetória até aqui. O Professor Marcel Tabak foi um que, em vários momentos, me deu um apoio muito importante para a minha trajetória. O Professor Edson Ticianelli, que foi o diretor na época em que eu fui contratado, e a Professora Janete permitiram que fosse criada e implementada a Comissão Interna de Biossegurança que era, naquela época, um requisito importante para a aprovação dos projetos de pesquisa na minha área de atuação junto à FAPESP. Naquela época, para a FAPESP aprovar, era preciso ter um número, o CQB (Certificado Qualificado de Biossegurança), que representa credenciamento da instituição junto à Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio) para manipulação de organismos geneticamente modificados. Como precisava desse número, a comissão foi estabelecida por uma portaria para começar suas atividades, solicitação do credenciamento junto à Comissão Técnica Nacional de Biossegurança, isso demandou um bom tempo. O Professor Edson Ticianelli naquela época e a Professora Janete, que foi a primeira Presidente da Comissão Interna de Biossegurança, foram essenciais para que isso acontecesse, o que por sua vez possibilitou a aprovação de projetos de pesquisa. O meu primeiro projeto de pesquisa aprovado no IQSC junto à FAPESP, justamente viabilizou a criação do laboratório. Então, existem pessoas no IQSC que desempenharam papéis importantes na trajetória e existe também a instituição como um todo. O Professor Emanuel Carrilho

também foi importante, porque o primeiro laboratório credenciado com o CQB foi o laboratório dele. Ele tinha interesse naquela época e disponibilizou o laboratório para que a gente fizesse a solicitação para o laboratório dele, então, ele teve uma importância grande. Ele nem estava no Brasil naquela época, mas ofereceu o laboratório para que a gente obtivesse o CQB. Naquele momento, o espaço que eu recebi para montar o laboratório ainda estava em construção, então não era possível fazer um pedido para um laboratório que estava em construção. Aí você tinha o dilema do ovo e a galinha. Para ter o laboratório, você tinha que ter o certificado, mas para ter o certificado, você tinha que ter o laboratório. Você ficava naquela questão do que vai ter que acontecer primeiro. E para ter o laboratório, eu precisava ter que aprovar o projeto. Então, foi uma época bastante difícil do ponto de vista administrativo, para organizar tudo, e enfim, aprovar o projeto, para comprar os equipamentos, para depois fazer o pedido de extensão do CQB para o meu laboratório. Portanto, esses colegas contribuíram de forma determinante para o sucesso da minha trajetória até então.

5. Como você se imagina fora do IQSC?

Eu nunca parei para pensar dessa forma, o que eu imagino depois do IQSC, eu ainda tenho 30 anos de futuro profissional para responder essa pergunta. Realmente, você me fez uma pergunta que eu não tenho como responder. Eu estou, eu diria, na metade da minha carreira profissional, espero ter um bom tempo pelo futuro, e não me imagino fora do IQSC. Acho que essa é, talvez, a resposta. Não consigo me imaginar fora da pesquisa, da vida acadêmica, fora de trabalhar formando pessoas ou contribuindo indiretamente para a formação de pessoas, por meio das diversas atividades que desenvolvo. Não só em sala de aula, mas participando de comissões, participando de bancas de avaliação, dando sugestões a alunos que me procuram informalmente, perguntando alguma técnica, alguma informação sobre proteínas, sobre biomoléculas. Então, eu não imagino, depois da aposentadoria, o que eu vou fazer. Não consigo imaginar, essa é a resposta.

Entrevista concedida a Igor Augusto Vieira (Bolsista PUB/CCEX), no dia 25 de maio de 2021 às 10h.